

A INTENSA VIDA DE GAD BECK: DA INTERDIÇÃO À FALA LIBERTADORA.

DOI: 10.47677/gluks.v24i1.425

Recebido: 23/12/2023

Aprovado: 02/05/2024

ARCANJO, Fábio Ávila ¹

RESUMO: este artigo tem como objetivo analisar a rememoração testemunhal mobilizada por Gad Beck, homossexual nascido em Berlim no ano de 1925, que sobreviveu à barbárie e a intolerância acionadas pelo regime nazista. Sua trajetória está discursivizada no documentário *The Story of Gad Beck*, adotado como corpus para este trabalho. O objetivo central de nosso gesto de leitura é lançar luzes para uma realidade ainda pouco conhecida, qual seja a condição dos homossexuais como vítimas do regime nacional-socialista e, por conseguinte, como vítimas da Segunda Guerra Mundial. Há um grande hiato entre a vivência e a rememoração das dores enfrentadas pelos homossexuais, em função de uma intolerância que insistiu em perdurar, mesmo após a vitória dos aliados, no ano de 1945. O resultado disso é a interdição e a denegação discursiva. Para desenvolver a análise, focamos em conceitos relacionados à teoria do testemunho (SELIGMANN-SILVA, 2022), alinhavados com discussões sobre as condições de produção para a rememoração testemunhal dos homossexuais, em pesquisas desenvolvidas por Tamagne (2000), Le Bitoux (2002) e Schlagdenhauffen (2017).

PALAVRAS-CHAVE: Testemunho, Homossexualidade, Nazismo, Interdição, Libertação.

Introdução

Em seu seminal texto *Cronotopías de la intimidad*, Leonor Arfuch, logo no introito, traça aquilo que seria o gesto inaugural de um tipo de escrita marcada pelo desvelamento da esfera íntima do indivíduo. Esse marco temporal é iniciado na segunda metade do século XVIII, mediante a reflexão filosófica de Jean Jacques Rousseau, em seu clássico *Confissões* (1766). Rousseau traça, na supracitada obra, “a topografia primeva de um espaço singular, o “eu”, a primeira pessoa, que mobiliza o processo de enunciação, tomando a si mesma como testemunha²” (Arfuch, 2021, p. 240; 241. Grifo da autora. Tradução nossa).

O que há, nesse precursor *modus operandi*, é, nas palavras de Hannah Arendt, evocadas por Arfuch (2021, p. 242), uma “absorção do privado no público”, provocando algo como um esfacelamento da esfera “individual”, por intermédio da superexposição da intimidade junto ao

¹ Bolsista de Pós-Doutorado FAPESP (contrato nº. 2022/06435-8)

² No original: “la topografía primigenia de ese espacio singular: el yo, la primera persona que se hace cargo de la enunciación tomándose a sí mismo como testigo”. (Tradução nossa).

espaço público (ARFUCH, 2021). Outra consequência desse processo, entendido como uma gênese da escrita autobiográfica, é um

crescendo sem pausa, [com] a intimidade [tornando-se] sem dúvida um terreno transitado até a saturação por todo tipo de tematizações e experimentações, do científico ao abjeto, da literatura às artes visuais, o cinema, o teatro, os meios de comunicação e, naturalmente, os usos e costumes cotidianos³. (ARFUCH, 2021, p. 242. Grifo da autora. Tradução nossa).

O excerto acima funciona como uma espécie de “ponte” entre dois marcos temporais distanciados. O primeiro, conforme apontamos, é essa inscrição da escrita de si, de um sujeito (a noção de *sujeito*, nesse momento, é diametralmente distinta do que entendemos por subjetividade, em função de um alheamento em relação aos imaginários, crenças e valores condicionadores) que lança mão do procedimento de enunciação para expor algo que estaria, a priori, alocado em seu interior. E, claro, há condições de emergência para esse gesto, quais sejam, o primado da individualidade em meio à circulação e instauração de valores preconizados por uma burguesia emergente. O segundo marco temporal, fulcral em nosso artigo, dá-se no início do século XX, por intermédio da barbárie inaugurada pela Primeira Guerra Mundial, com seus horrores propiciados pelas trincheiras; e sedimentada pela Segunda Guerra Mundial, com os campos de concentração e guetos implementados pelo totalitarismo nazista.

Para falar um pouco sobre esse segundo recorte temporal, retomemos uma ideia apresentada por Leonor Arfuch, na qual ela trata de uma apropriação do procedimento de enunciação, iniciado pela tomada de consciência de um “eu”, que se enuncia como *testemunha*. O destaque no termo antecedente está distante de ser fortuito, havendo um deslizamento semântico em relação ao que seria *testemunha*, de um lado, em uma visada individualista (final do século XVIII), e do outro, em um contexto marcado pelos traumas da guerra (início do século XX). Com isso, o que queremos asseverar é a emergência de uma escrita testemunhal, instaurada na primeira metade do século passado, cujas marcas centrais, decorrentes de vivências traumáticas, são o travamento, o lapso, o silenciamento, a denegação e as emoções.

E, a vista disso, iniciamos a apresentação do corpus, qual seja, o relato testemunhal de Gad Beck, homossexual que sofreu diretamente na carne os impactos do recrudescimento da política de intolerância instaurada pelo Partido Nacional-Socialista Alemão. O relato em questão foi discursivizado em um documentário produzido no ano de 2006, intitulado *Die*

³ No original: “[...] *crescendo* sin pausa: la intimidad de hoy sin duda un terreno transitado hasta la saturación por todo tipo de tematizaciones y experimentaciones, de lo científico a lo abjeto, de la literatura a las artes visuales, el cine, el teatro, los médios de comunicación y, por supuesto, los usos y costumbres cotidianos.”

*Freiheit des Erzhlens - Das Leben des Gad Beck*⁴ (lançado em inglês sob o título *The Story of Gad Beck*). Esta produção filmica será contemplada como fonte para as nossas análises, pautadas, primariamente, pela materialidade verbal, isto é, as falas de Gad Beck, para, eventualmente, discutir certas estratégias filmicas adotadas pelos diretores Robin Cackett e Carsten Does.

Diante disso, o artigo será dividido em duas partes: na primeira, trabalharemos a noção de testemunho, em sua emergência e em seus efeitos de sentido, sendo, em nossa concepção, uma escrita impulsionada a contrapelo. Vale enfatizar que o foco estará voltado para a escrita de teor testemunhal mobilizada por homossexuais sobreviventes do totalitarismo nazista, materialidade textual que emerge em meio a condições extremamente adversas, uma vez que a repressão e a intolerância em relação a esses sobreviventes perduraram anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Para essa discussão, lidaremos com alguns eixos, com destaque para as noções de trauma e escritas de si, amparados em Seligmann-Silva (2022), perspectivados com a noção de denegação discursiva, inscrita, nesse tipo particular de testemunho, pela interdição da escuta. Para mobilizar tais eixos, em fricção com o documentário em questão, levaremos em consideração trabalhos como Tamagne (2000); Le-Bitoux (2002); Ayouch (2015); e Schlagdenhauffen (2017).

Por fim, a segunda parte será reservada para a análise do documentário *The Story of Gad Beck*, na qual procuraremos estabelecer um diálogo entre a discursivização verbal (que terá a primazia) e a imagética, buscando lidar com algumas estratégias desenvolvidas pelos diretores, impulsionadoras de efeitos de sentido. Esperamos, com isso, conferir alguma visibilidade a um tipo de personagem relegado ao esquecimento, tendo sido proscrito em relação ao gesto, de certa forma, libertador de rememorar vivências notadamente traumáticas.

A EMERGÊNCIA DO TESTEMUNHO E A DENEGAÇÃO DISCURSIVA

O presente tópico traz consigo uma titulação aporética. Como seria possível um cenário de colocação em discurso das vivências traumáticas, concatenado com a ideia de denegação discursiva? Uma possível chave de resposta teria como ponto de partida algo que podemos caracterizar como *autorização*, ou, até mesmo, *legitimação*, muito embora, em se tratando do

4 Faremos a análise da materialidade verbal do documentário, considerando as legendas traduzidas para a língua inglesa, justamente por não termos o domínio da língua alemã. Vale afirmar que o trabalho de legendagem foi disponibilizado pela própria equipe de produção, o que confere, de certa forma, confiabilidade para o andamento do aparato analítico.

testemunho dos homossexuais vitimados pelo nazismo, esse segundo termo seja esvaziado de potência.

Voltemos, para iniciar essa discussão, à introdução do nosso artigo. Traçamos, nesse gesto introdutório, dois marcos temporais relacionados à escrita de si. O primeiro, influenciado por Rousseau, é de caráter individualista e impulsionado por uma classe social emergente. O segundo, por outro lado, distanciado temporalmente do anterior, não parece ser caracterizado pelo desvelamento egocêntrico da intimidade, mas, ao contrário, pela elaboração narrativa das vivências como forma de conferir logicidade a uma experiência, essencialmente, ilógica. É nesse segundo momento que o nosso olhar analítico se debruçará.

Começemos, rapidamente, com o acontecimento que poderia ser caracterizado como o embrião dessa escrita de teor testemunhal, isto é, a Primeira Guerra Mundial, com as batalhas nas trincheiras. No entendimento de Walter Benjamin,

nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra das trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. (BENJAMIN, 1994, p. 115).

O que há, e o filósofo alemão faz essa observação em seu clássico ensaio intitulado *Experiência e pobreza*, é uma profusão de livros de guerra que “inundaram” o mercado literário nos dez anos seguintes à Primeira Guerra Mundial (BENJAMIN, 1994). É importante notar que Benjamin, com essa observação, problematiza uma espécie de aproximação entre a vivência da barbárie da guerra e a pobreza de experiência, com o conflito mundial podendo ser pensado como um acontecimento transbordante e, ao mesmo tempo, esvaziado de experiência, em função de seu caráter traumático. Não iremos desenvolver esse raciocínio, pois ele poderá derivar o nosso texto para outro caminho. O que parece ser interessante de ser levado em consideração é, justamente, o efeito desse acontecimento no mercado editorial da época que, conforme apontamos anteriormente, foi inundado. Os livros lançados eram dotados de dois tipos de visadas notadamente antagônicas: de um lado, um viés triunfalista, fazendo ode ao conflito armado, em função de um exacerbado nacionalismo (Ernst Jünger, por exemplo) e do outro, o pessimismo e o caráter pacifista, discursivizado, à guisa de exemplificação, nas obras de Erich Maria Remarque que, não por acaso, foi proscrito com a ascensão do partido nazista.

Inclusive, fazendo um pequeno salto temporal, o ano de 1933 pode ser visto como um dos momentos propiciadores para a sedimentação da escrita de teor testemunhal, uma vez que o nazismo, ao alcançar o poder e extinguir a República de Weimar, criou decisivas condições de possibilidades para a Segunda Guerra Mundial, instaurada seis anos mais tarde. Com esse

segundo conflito, que pode ser lido como uma extensão do anterior, temos uma substituição no cenário da escrita do trauma, isto é, um deslizamento da barbárie das trincheiras para a desumanização dos campos de concentração e guetos. É aqui que encontramos, mais fortemente marcada, a inscrição do trauma na materialidade textual, com os lapsos, travamentos e equívocos. E é justamente nesse momento em que há o primado do teor testemunhal. Para Márcio Seligmann-Silva,

Pensar o testemunho significa transpor para a análise da cultura a máxima benjaminiana que vimos acima: todo documento de cultura é um documento da barbárie. Essa história tensionada, marcada pela violência, é o contexto que participa de modo determinante na definição das estratégias estético-enunciativas que devemos ler como mensagens na garrafa, portadoras de ‘teor testemunhal. (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 131).

O ponto central é, portanto, perceber como se dá esse processo de discursivização da violência vivenciada, no caso da Segunda Guerra Mundial, em campos de concentração e guetos, ou seja, a análise desses escritos passa, necessariamente, pela percepção de efeitos de sentido suscitados. Uma observação primordial é perceber, em primeiro lugar, quem estaria autorizado a dar o testemunho e a quem ele seria idealmente destinado. Esse direcionamento, de alguma forma, possui uma forte relação com a noção de *sujeito* do testemunho, um primeiro eixo de uma *déixis enunciativa* (MAINGUENEAU, 2005). A esse respeito, Maingueneau (2005) explica que, em sua dupla modalidade espacial e temporal [aqui-agora vs. lá-então], a *déixis* “define de fato uma instância de enunciação legítima e delimita a *cena* e a *cronologia* que o discurso constrói para autorizar sua enunciação.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 93; grifos do original). A *déixis enunciativa* conjuga, destarte, três pilares fulcrais para a escrita de teor testemunhal, pilares, esses, responsáveis pela mobilização de efeitos de sentido: a *pessoa* (o sujeito do testemunho), o *tempo* e o *espaço*.

Iniciemos uma rápida discussão a respeito da categoria actancial. Quando se analisa a enunciação testemunhal, é inescapável pensar no estatuto daquele que desvela uma vivência traumática, considerando, claro, o testemunho em uma chave freudiana (SELIGMANN-SILVA, 2022). Essa glosa é importante, pois há, na materialidade histórica, o testemunho em uma lógica positivista, assentado na irrefutabilidade e na legitimação restritiva. Nessa concepção, o testemunho teria um caráter patriarcal e falocêntrico – apenas os homens teriam a prerrogativa de elaborá-lo, além dele ser alçado ao status de prova cabal. Seligmann-Silva (2022) convoca a peça Eumênides, de Orestes, em que há o julgamento de Orestes (inocentado por ter vingado a morte de seu pai Agamêmnon, assassinado por sua esposa Clitemnestra), para ilustrar essa realidade notadamente machista.

Da cena trágica podemos derivar um modelo do testemunho como prova e evidência. Em *Eumênides*, a claridade dos olhos e a luminosidade irrefutável da prova são postas ao lado do argumento patrilinear e falocêntrico. A evidência da masculinidade estaria na origem da concepção de testemunho (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 119).

Convém deixar claro que não é com esse tipo de concepção a respeito do testemunho que estamos lidando aqui. Ao contrário, o que está em cena, a partir da Primeira Guerra Mundial e mais fortemente marcado no conflito subsequente, bem como nos outros inúmeros conflitos que assolaram o século XX até os dias atuais, é o caráter de errância, de aporia e de escrita operada a contrapelo. Com isso, a escrita de teor testemunhal é enunciada por um sujeito sobrevivente, que busca, muitas vezes de forma malfadada, conferir lógica a uma realidade que transcende qualquer possibilidade de elaboração homogênea e plenamente objetiva. Nessa escrita, há um deslizamento do vivido, encerrado na presentificação de um passado doloroso e traumático no presente da enunciação. Duas construções dêiticas são colocadas em perspectiva (*eu, aqui e agora* em relação ao *eu estava lá*), gerando determinadas inscrições, tais como os lapsos, a subjetividade deslizando para a objetividade e vice-versa, a inscrição das emoções, entre outras. Vejamos, a título de exemplificação, um pequeno fragmento extraído do livro de memórias de Gad Beck:

Nunca mais vi Manfred. E nunca superei a perda. Anos mais tarde, seu nome ainda me eletrizou - mesmo na forma hebraica, Meir. Eu literalmente persegui homens chamados Manfred, desde que eu tinha perdido o meu, meu Manfred. Talvez essa fosse uma maneira imatura de chorar, mas era tudo o que eu tinha, além de reprimir a dor e me distrair. Eu me enterrei em atividades, já que não queria perder mais nenhum dos meus poucos amigos restantes. Escondi alguns deles por curtos períodos de tempo⁵. (BECK, 1999, p. 70-71. Tradução nossa).

Nesse pequeno recorte, encontramos alguns significativos efeitos de sentido. Em primeiro lugar, há rastros de uma marcada subjetividade, haja vista ele ser pontuado pelo emprego da primeira pessoa do singular. O narrador vivenciou o narrado e aquilo que é enunciado compõe um quadro importante em sua vida – a traumática perda do seu amor. Notemos como a ideia de trauma permeia todo o relato, com a materialidade nos mostrando a obsessão pela repetição (“Eu literalmente persegui homens chamados Manfred”), o congelamento temporal (“E nunca superei a perda”), além do apelo às emoções, com o emprego de termos e expressões que funcionariam como “gatilhos emocionais” (PLANTIN, 2014), tais

5 No original: “I never saw Manfred again. And I never really got over the loss. Years later, his name still electrified me - even in the Hebrew form, Meir. I literally chased after men named Manfred, since I had lost mine, my Manfred. Perhaps that was an immature way to mourn, but it was all I had, aside from repressing the pain and distracting myself. I buried myself in activities, since I didn’t want to lose any more of my few remaining friends. I hid some of them for short periods of time.”.

como “seu nome ainda me eletrizou”, “eu havia perdido...”, “maneira imatura de chorar”, “reprimir a dor”.

Tendo em mente o que foi dissertado, é preciso pensar a história e, por conseguinte, o sujeito que testemunha (Márcio Seligmann-Silva deixa isso deveras evidenciado em seus textos) por intermédio do modelo do *superstes*, negando a supracitada lógica positivista, patriarcal e falocêntrica recorrente em determinados recortes temporais.

O manter-se no fato (memória demais) do *superstes* remete à situação singular do sobrevivente como alguém que habita a clausura de um acontecimento extremo que o aproximou da morte. Nosso conceito de *mártir* moderno está mais perto desse sentido do que o testemunho como *testis*. (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 125).

Uma discussão relevante de ser levantada, e que vai resultar em uma conexão para o tipo de testemunho privilegiado nesse espaço, é a da destinação do testemunho. Em Seligmann-Silva (2022), há uma construção metafórica que nos parece significativa, relacionada à potência da narrativa de teor testemunhal. Para o autor, essa narrativa funciona como uma “picareta”, que detém o poder de destruir o muro que prende os sobreviventes de experiências traumáticas no chamado “sítio da outridade”. Há uma separação entre quem viveu o trauma e quem escapou dessa vivência. Para Seligmann-Silva (2022), o testemunho como um acontecimento ímpar desafia a linguagem (há uma distância inegociável entre aquilo que foi vivido e o que será simbolizado pela escrita) e o ouvinte (o testemunho prevê a presença do “outro”; sem a interlocução, tal escrita é inócua).

Essa observação é pertinente para o tipo de testemunho que, particularmente, interessamos abordar nesse artigo, ou seja, o do homossexual que sobreviveu à política totalitária e homofóbica adotada pelo partido nazista na Alemanha e nos demais países invadidos ou colaboracionistas. Um pequeno “mergulho” nas datas pode ser didático, e vamos nos ater aqui, à trajetória de Gad Beck, judeu homossexual, nascido em Berlim no ano de 1925. Como sabemos, o regime nacional socialista foi derrotado, selando o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Com o término do conflito, embora tivesse havido uma pequena resistência inicial, justificada pela tentativa de “superar o passado”, muitos relatos testemunhais foram elaborados, por nomes como Primo Levi, David Rousset, Elie Wiesel, Jorge Semprun, entre outros. Tais textos possuem certa contiguidade temporal, em relação ao vivido.

Pois bem, Gad Beck, e isso é uma realidade dos outros (poucos) homossexuais⁶ que tiveram a oportunidade de elaborar suas memórias traumáticas, apenas aos 72 anos de idade ofereceu seu testemunho ao mundo, com o belíssimo *An underground life: memoirs of a Gay Jew in Nazi Berlin*, escrito em parceria com Frank Heibert. O documentário *The Story of Gad Beck*, a ser mais bem explorado no próximo tópico, é ainda mais tardio, produzido em 2006, quando nosso personagem já era um octogenário. A questão que se coloca é: por que esse acentuado distanciamento temporal? E refinando ainda mais o questionamento, por que temos um número tão restrito de testemunhos de sujeitos homossexuais?

Gad Beck, conforme apontamos anteriormente, nasceu em Berlim, no ano de 1925, o que nos faz perceber que ele não conseguiu aproveitar a cidade que era tida como um “paraíso” para os homossexuais europeus, entre os anos de 1919-1933, período de vigência da chamada República de Weimar.

Até o alcance do poder pelos nazistas, existiam, na Alemanha, numerosas organizações e associações homossexuais, tanto masculinas quanto femininas. Berlim era, aliás, considerada a “capital homossexual da Europa”, e isto apesar da existência do artigo 175, cuja aplicação, até 1935, permanecia limitada⁷. (SCHLAGDENHAUFFEN, 2017, p. 32. Tradução nossa).

Em poucas linhas, o excerto antecedente traz algumas informações basilares: em primeiro lugar, a existência do parágrafo 175, promulgado junto ao código penal prussiano no ano de 1871, contíguo temporalmente, vale afirmar, ao processo de unificação alemã. Esse artigo julgava como crime a relação entre pessoas do mesmo sexo, sobretudo os homens (a relação entre mulheres era menos abarcada, embora fosse igualmente mal vista). Havia, até a chegada dos nazistas ao poder, uma tolerância relativa, com algumas poucas apreensões. Em 1935, algo pontuado no excerto anterior, há uma significativa mudança, com a modificação⁸ do

6 Pierre Seel, por exemplo, foi o único homossexual francês a rememorar as suas vivências, escrevendo o impactante “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual”. O livro foi publicado em 1994, quando Seel já tinha 71 anos de idade.

7 No original: “Jusqu’ à l’arrivée au pouvoir des nazis, de nombreuses organisations et associations, tant masculines que féminines, existaient en Allemagne. Berlin était d’ailleurs considérée comme “la capitale homosexuel de l’Europe” – et cela malgré l’existence du paragraph 175, dont l’application jusqu’en 1935 restait limitée”.

8 “O novo parágrafo 175 entra em vigor em 01 de setembro de 1935, conforme uma emenda no código penal alemão, artigo 6, votada em 28 de junho de 1935. Ela apresenta muitas inovações. Inicialmente, os ‘atos sexuais antinaturais’ (*widernatürliche Unzucht*) foram substituídos por ‘atos sexuais’ (*Unzucht*), o que aumenta consideravelmente o campo de aplicação da pena. A partir de 1935, todo ato motivado pelo desejo sexual de olhar um outro homem era abrangido pela lei: isso compreendia a masturbação, mas também todo contato para fins sexuais, por exemplo, as carícias ou a luta entre dois homens nus. A ejaculação não era mais necessária para provar a existência de um crime.” (TAMAGNE, 2000, p. 542-543. Tradução nossa). No original: “Le nouveau paragraph 175 entra en vigueur le 1er septembre 1935, conformément à l’amendement au Code penal allemand, article 6, voté le 28 juin 1935. D’abord les ‘actes sexuels contre nature’ (*widernatürliche Unzucht*) étaient remplacés par les ‘actes sexuels’ (*Unzucht*) ce qui élargissait considérablement le champ d’application de la peine. A partir de 1935,

parágrafo 175 e, como consequência, com o recrudescimento da intolerância e da perseguição contra os homossexuais. Segundo Tamagne (2000), o período de 1935-1939 corresponde ao momento de mais forte repressão aos homossexuais no período entre guerras.

Retomando, ainda como fio condutor, as palavras de Régis Schlagdenhauffen, os anos de ouro da capital homossexual na Europa chegam ao fim, com a proibição editorial de revistas especializadas, fechamento de associações homossexuais⁹, com destaque para o Instituto de Pesquisas Sexuais, de Magnus Hirschfeld (vandalizado pela juventude hitleriana e, em seguida, fechado pelo partido nazista em 1933) e, claro, com a implementação de um estado de constante vigilância em relação àqueles que eram tidos como “anormais”.

A luta contra a homossexualidade foi conduzida com energia pelo regime nazi. Entretanto, os homossexuais não eram considerados da mesma forma e nunca foi colocada em vigor a questão de “exterminá-los” conjuntamente. Deviam ser eliminados definitivamente somente os homossexuais “irredutíveis”, em particular aqueles que apresentam um perigo para a juventude¹⁰. (TAMAGNE, 2000, p. 571. Tradução nossa).

Importa destacar, na trajetória dos homossexuais que viveram na Alemanha, um roteiro, que parece funcionar como uma escalada da repressão. Temos, no início da ascensão nazi, o recrudescimento da política de intolerância, que funcionou como fases progressivas: o fechamento de estabelecimentos; o fichamento (construção de um verdadeiro arquivo dos “indesejáveis”) dos homossexuais; a instauração de um sistema de vigilância; o aprisionamento dos suspeitos (em prisões e em campos de concentração); a tentativa de “cura”, pelo desumano viés da castração; o envio para o front de guerra do Leste Europeu, em função do acirramento da Segunda Guerra Mundial; e o extermínio. É verdade, e Tamagne (2000) deixa isso claro, que muitos homossexuais conseguiram driblar esse estado de coisas, realizando encontros sexuais e amorosos às escondidas (muitos constituíram casamentos de fachada com lésbicas), ou, em

tout acte inspire par le désir sexuel à l'égard d'un autre homme, tombait sous le coup de la loi : cela comprenait la masturbation, mais aussi tout contact dans un but sexuel, par exemple les caresses ou la lutte entre deux hommes nus. L'éjaculation n'était pas nécessaire pour prouver qu'il y avait eu crime”.

9 De acordo com Florence Tamagne, “a Alemanha ocupa um lugar à parte na gênese dos movimentos homossexuais, sendo modelo do militantismo homossexual e modelo de organização para outros movimentos homossexuais. Desde, mais ou menos, o ano de 1890, os homossexuais alemães intentaram mobilizar a opinião pública para suas causas, notadamente com os esforços de abolição de parágrafo 175 do código penal...” (TAMAGNE, 2000, p. 93. Tradução nossa). No original: “L'Allemagne occupe une place à part dans la genèse des mouvements homosexuels, en tant que berceau du militantisme homosexuel et modèle d'organisation pour les autres mouvements européens. Des 1890 environ, des homosexuels allemands tentèrent d'intéresser l'opinion publique à leur sort; ils concentrèrent notamment leurs efforts sur l'abolition du paragraphe 175”.

10 No original: “La lutte contre l'homosexualité fut menée avec énergie par le régime nazi. Cependant, tous les homosexuels n'étaient pas considérés de la même façon, et jamais il ne fut question d'exterminer” les homosexuels dans leur ensemble. Ne devaient être éliminés définitivement que les homosexuels “irréductibles”, en particulier ceux qui présentaient un danger pour la jeunesse”.

muitos casos, anulando seus desejos, criando para si uma conduta de assimilação para a sobrevivência.

Vale salientar que esse apagamento identitário dos homossexuais não se encerra com a libertação dos campos de concentração e com a derrota da Alemanha e demais potências do eixo. Vejamos outro roteiro deveras delineado e desenhado como consequência da Segunda Guerra Mundial: resistência inicial para lidar com os traumas do passado; condições de emergência para inúmeros escritos voltados para rememorar as dores vivenciadas durante a guerra; implementação do status de vítima de guerra, com a implantação de uma compensação financeira; e criação de cerimoniais e lugares de memória.

No caso dos homossexuais, o processo se emperra já na primeira parte do roteiro, uma vez que a resistência, nem de longe, foi apenas inicial. Na Alemanha, por exemplo, “pátria” de Gad Beck, o código penal manteve a proibição das relações sexuais e amorosas entre homens, sendo revogado apenas em 1994. Na França, país que substituiu, com a ascensão de Hitler, a Alemanha como um local atrativo para os homossexuais europeus, a proibição da relação entre homossexuais passa a entrar no código penal em 1942 (França de Vichy), sendo abolido apenas no início dos anos 1980. O ponto central a ser destacado, é que foi negado aos homossexuais o status de vítimas de guerra. Jean Le Bitoux, voltando o olhar para a realidade francesa, pautada pelos desfiles em prol dos vitimados, afirma algo aterrador: “[...] não vimos, em 1945, desfilar nenhum triângulo rosa ou negro, e nenhuma faixa azul foi avistada na Champs-Élysées. O silêncio sobre a deportação homossexual foi total. Não se pôde nem ouvir alguns testemunhos, alguns sussurros¹¹.” (LE BITOUX, 2002, p. 189. Tradução nossa).

Houve um tipo de isolamento dos homossexuais, que, segundo Tamagne (2000)¹², parece ser uma continuidade em relação à vivência que eles tiveram nos campos de concentração. Para a autora, a solidariedade era inexistente nos campos, em se tratando de prisioneiros homossexuais. “Na hierarquia do campo, os triângulos rosas se encontravam na escala mais baixa, imediatamente antes dos judeus” (TAMAGNE, 2000, p. 574. Tradução nossa). Após a guerra, os judeus obtiveram a primazia da fala, conseguindo, claro que a contrapelo, relatar suas vivências traumáticas, algo que foi negado aos homossexuais, o que constitui em um claro dispositivo de *denegação discursiva*. Segundo Thamy Ayouch, esse

11 No original: “[...] on ne vit, en 1945, défilér aucun triangle rose au noir ni aucune barrete bleue sur les Champs-Élysées. Le silence sur la déportation homosexuelle fut total. On ne put même pas entendre quelques témoignages, Quelques murmures”.

12 No original: “Dans la hiérarchie du camp, les triangles roses se trouvaient à l’échelon le plus bas, juste avant les juifs”.

procedimento de denegar a deportação homossexual significa silenciá-la e deixa-la isolada no esquecimento. Para o autor, “esta denegação é aqui um procedimento insensível de apagamento antes mesmo de qualquer escrita: é o destino trágico que é susceptível de conhecer qualquer memória não retomada por uma história.¹³” (AYOUCH, 2015, p. 97).

Portanto, a potência da narrativa, destacada por Seligmann-Silva (2020), em derrubar o muro simbólico que aprisiona aqueles que enfrentaram situações-limite, foi, durante décadas, negada aos homossexuais deportados. Com isso, a saída da sobrevivência em direção à vida se dá, para dizer o mínimo, a duras penas, gerando pouca materialidade textual. Escassez de material, vale afirmar, a despeito da estimativa, pontuada por Tamagne (2000), amparada pelos estudos desenvolvidos por Rüdiger Lautmann, de 5000 a 15000 homossexuais enviados para os campos de concentração entre 1933 e 1945.

Notemos algo significativo, assentado nos apontamentos realizados até o momento: o deslizamento das tríades dêiticas *eu estava lá e eu, aqui e agora*, inescapável quando se pensa o discurso testemunhal, no caso dos homossexuais se dá de forma ainda mais contingente, já que o marco temporal entre os dois dispositivos é deveras acentuado. O momento discursivo de escrita de suas memórias é distanciado, embora haja um caráter vívido nos relatos, operacionalizado por um trauma que insiste em pontuar a vida desses homossexuais. Tudo isso, e Ayouch (2017) deixa claro, possui uma relação forte com as ideias de herança (constituição identitária) e transmissão (direcionamento desses escritos, em uma visada de resistência ao aprisionamento simbólico e de conscientização). O fato é que as condições de emergência para o testemunho das vítimas homossexuais são diametralmente opostas em relação às demais vítimas, como bem aponta Régis Schlagdenhauffen:

Apenas em 1985, ano do 40º aniversário da capitulação do regime nazi e do 50º aniversário da promulgação das leis de Nuremberg, é que a questão do reconhecimento dos homossexuais como vítimas do nazismo é debatida¹⁴. (SCHLAGDENHAUFFEN, 2017, p. 55. Tradução nossa).

É por intermédio desse marco temporal, que se começa a ter alguma materialidade textual e audiovisual, além, claro, de iniciativas louváveis de alguns museus, como, por exemplo, o *Mémorial de la Shoah*, de Paris, que recebeu, em 2021, a exposição *Homosexuels et lesbiennes dans L'Europe Nazi*, cuja curadoria foi realizada por Florence Tamagne. Essa

13 No original: “Cette dénégation est ici une procédure insensible d’effacement avant même toute écriture : c’est le destin tragique qu’est susceptible de connaître toute mémoire que ne reprendrait pas une histoire”.

14 No original: “Ce n’est qu’en 1985, année du 40e anniversaire de la capitulation du régime nazi et du 50e anniversaire de la promulgation des lois de Nuremberg, que la question de la reconnaissance des homosexuels en tant que victimes du nazisme est débattue”.

observação, relaciona à variedade de possibilidades, é importante já que “o tema do testemunho [...] não se limita aos estudos literários e tem sido analisado com relação às artes visuais, incluindo o cinema e as discussões sobre o antimonumento e sobre a relação entre arte e memória” (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 133). É justamente, amparados nisso, que iremos realizar, nas próximas linhas, o nosso gesto de análise do documentário *The Story of Gad Beck*, dirigido por Robin Cackett e Carsten Does.

THE STORY OF GAD BECK

O documentário *The story of Gad Beck* possui uma estruturação que podemos identificar como híbrida, intercalando falas do principal entrevistado, imagens de arquivo, como fotografias e cenas de outras produções filmicas, além de produzir encenações e trazer manifestações de pessoas que conheceram Gad Beck e que se beneficiaram de suas ações. Interessante notar que até mesmo algumas falas de nosso personagem são discursivizadas a partir do arquivo, uma vez que foram recortadas de outros programas que tiveram a sua participação. De alguma forma, esse amálgama constitui um dialogismo verbo-visual interno, na tentativa de lançar luzes para uma existência marcada por sofrimentos, angústias e, claro, alegrias. Com isso, estamos diante de uma *mise-en-scène* estruturada pela intertextualidade e pela polifonia, com as vozes evocadas em prol de uma tomada de posição para conscientização, lembrando que nosso princípio basilar, assentado em Nichols (2014), é pensar na inerente retoricidade do gênero documentário. Há, portanto, pontos de vista sendo defendidos e que são mobilizados pelos diretores em prol da construção de uma linha de argumentação, qual seja a evidência dos crimes cometidos pela máquina de morte do regime nazista e o apagamento de uma personagem afetada por essa engrenagem sangrenta.

É válido salientar que a fronteira entre a deportação pelo fato de ser judeu e a deportação pela homossexualidade pode ser porosa e de difícil delimitação. Gad Beck, embora judeu, conseguiu sobreviver no local mais inóspito possível (a capital do estado nazista), mas o grande amor de sua vida – Manfred Lewin –, acabou sendo exterminado, juntamente com sua família. O ponto que queremos chegar é que acaba sendo difícil delimitar se a luta de Gad Beck pela sobrevivência se dá pelo fato de ele ser judeu ou homossexual. Pois bem, isso não parece ter tanta relevância, pois a rememoração testemunhal, na grande maioria das vezes, acontece a posteriori do acontecimento-limite. O que está em jogo, portanto, é a questão da herança, da transmissão e da recepção. Talvez, os sofrimentos de Gad Beck tenham sido originados pelo fato de ele ser judeu, contudo, seu testemunho parece ter sido interdito pelo fato de ele ser

homossexual. Estamos diante de uma dinâmica deveras cruel, que é discursivizada pelo documentário.

O filme se inicia com uma série de falas entrecortadas de Gad Beck, mediante uma montagem dinâmica, que alterna uma trilha sonora marcante com a materialidade verbal. Inicialmente, são falas existenciais, ainda não pautadas pelo acontecimento traumático. Há um forte caráter identitário logo nos primeiros momentos, com um relato fantasioso e provocativo, que cria a imagem de uma personagem extrovertida.

(T1)¹⁵ Eu nasci tarde. Como de costume, a mulher veio primeiro. Elas querem ser as primeiras a aparecerem na imagem. Então minha irmã Margot veio, saudável e grande e alegre. Eles esperaram e nada mais veio. Envergonhado, meu pai até voltou para seu escritório deixando sua criança com a esposa. Ele já era o pai feliz de uma criança. Mas a parteira disse a ele: ouça, acho que ainda há algo dentro. Eles novamente chamaram o médico e ele me tirou: Eu, uma coisa azul, um pedaço de carne. Ele me colocou na mesa e disse: "Heinrich", não leve a sério, você tem uma filha doce. Mas não é assim que a parteira, para quem é uma questão de honra fazer este nascimento ter sucesso. E ela me levantou. Eu não sei o que eu senti, mas deve ter sido maravilhoso, pois eu quase posso sentir agora. Ela me deu um tapa no traseiro. A primeira sensação que tive foi o conforto vindo do meu traseiro. Um sentimento maravilhoso, devo dizer, profundamente gay. (Tradução nossa)¹⁶.

Este longo fragmento traz alguns eixos interessantes, a respeito do trabalho com a memória e da construção identitária. Há algo que podemos inferir, sem a possibilidade de precisar a veracidade (e nem é o nosso objetivo), como um deslizamento entre uma memória herdada (ele soube desse ritual por intermédio de outras pessoas, como seu pai ou sua mãe, por exemplo) e uma memória idealizada/identitária (havendo um tipo de preenchimento de lacuna a partir dos valores que foram sendo preconizados ao longo de sua vida). Estamos diante de uma asserção marcada pelo orgulho, daí o preenchimento axiológico, uma vez que não há como ele ter a dimensão do prazer adquirido após receber a palmada. Aqui, o registro imagético contribui na construção de uma cena pontuada pelo orgulho e pelo reconhecimento de si, com os diretores trazendo o recurso da proximidade, quase como um *close up*, o que confere um maior efeito de intimidade.

15 Para facilitar a remissão aos trechos recortados do documentário, utilizaremos T1, T2 e assim por diante.

16 No original legendado em inglês: "I was born late. As usual, the woman came first. They want to be first in the picture. So my sister Margot came, healthy and big and cheerful. They waited and nothing else came. Embarrassed, my father even went back to his office leaving his child with his wife. He already was the happy father of a child. But the midwife said to him: listen, i think there is still something inside. They again called for the doctor and he got me out: Me, a blue something, a piece of flesh. He put me in the table and said, "Heinrich", don't take it too hard, you've got a sweet daughter. But not so the midwife, for whom is a question of honour to make this births succesful. And she lifted me up. I don't know what i felt, but is must have been wonderful, for i can almost feel right now. She clapped me on my bottom. The first sensation i ever had was comfort coming from my bottom. A wonderful, i must say, a profoundly gay feeling".

Yann Kilborne observa que o gênero documentário, no que tange ao processo de enunciação fílmica, é fruto de três construções paradigmáticas: o paradigma da transparência¹⁷, o paradigma do olhar¹⁸ e o paradigma da experimentação¹⁹. Atentemo-nos para o segundo: de acordo com Kilborne (2022), os filmes que acionam esse paradigma objetivariam responder a um tipo de demanda social. “Assim, os filmes militantes podem igualmente se tornar obras personalistas, [e] um filme intimista assume uma dimensão universal...”²⁰ (KILBORNE. 2022, p. 49). Essa observação é pertinente, uma vez que o registro imagético intimista, situado em um tempo e em um espaço definido (daí a noção de *cronotopia*, trabalhada por Leonor Arfuch), traz consigo o deslizamento do singular para o coletivo, algo que é basilar, quando se olha para a estrutura do testemunho. É um filme militante, pois ele objetiva persuadir o público a respeito de um tipo de intimidade silenciada, mas, ao mesmo tempo, ele é personalista, pois retrata a vida de uma personagem específica. É, pois, intimista e também universal, já que ao conferir visibilidade à vivência de Gad Beck, ele acaba conferindo visibilidade a toda uma coletividade.

Além disso, ainda na cena em questão, é curioso como essa ideia de visibilidade confere um efeito de sentido, já que, inicialmente, Gad Beck estava escondido no ventre de sua mãe, tendo demorado a nascer (há um grande simbolismo nessa passagem, já que a vida de um homossexual, principalmente, em um estado de coisas intolerante, é marcada por esse artifício do refúgio, da fuga), o que se modifica no momento em que ele vem ao mundo, apresentando, de antemão, um “maravilhoso sentimento gay”. Essa visibilidade e o narrado gesto de libertação e de consciência de si parecem ter sido realidades alheias a ele durante muitos anos, uma vez que, a partir de 1935, quando Gad Beck tinha apenas 10 anos de idade, a Alemanha reforça o parágrafo 175, relegando ainda mais fortemente os homossexuais para a condição de “indesejáveis”. Vejamos, na próxima cena, o quão poderoso pode ser o efeito da narrativa, já que ela evidencia uma possível consequência das condições de emergência da fala, impulsionada por uma escuta empática:

17 Construção de um efeito de real, que muitas vezes pode incorrer no engano de acionar o documentário como um argumento de autoridade irrefutável.

18 Segundo Kilborne (2022), tal paradigma é concernente aos filmes focados na interpretação da realidade e na apreensão de múltiplas dimensões. Há uma relação com o que Nichols (2014) entende como “recorte subjetivo da realidade”.

19 O gênero documentário é notadamente fluido, no que diz respeito aos diferentes tipos de *mise-en-scène*. No caso da experimentação, muito encontrada, por exemplo, em documentários performáticos (NICHOLS, 2014), há, no entendimento de Kilborne (2022), alguns princípios, tais como: o desvio do visível, o primado da autoria, a transgressão e a expressividade.

20 No original: “Ainsi, des films militants peuvent également devenir des œuvres personnelles [et] un film intimiste prendre une dimension universelle”.

(T2) Estou muito velho agora, por causa de um derrame, estou perdendo palavras, expressões, que procuro e não consigo encontrar. Tudo o que era responsável pelo meu antigo brilhantismo está de repente caindo. Isso é velhice, simples assim! Vocês me salvaram. Vocês trouxeram meu açúcar [taxa de glicose] de 233 para 116. Isso é maravilhoso. Venham mais frequentemente meninos, e filmem comigo²¹. (Tradução nossa).

Há, pelo que foi possível apreender na fala de Gad Beck, um certo poder curativo nessa concessão à fala. A abertura de um espaço de inscrição para essa personagem performar a sua vida conferiu, portanto, condições de possibilidades para a enunciação testemunhal, cujo efeito é a derrubada de um obstáculo que divide a não vida (o sujeito silenciado, apagado e “afogado” pelos traumas vivenciados) e a vida (a inscrição e a tomada de consciência desse sujeito). Márcio Seligmann-Silva, analisando a trajetória da vida de Pierre Seel, afirma algo que parece se adequar perfeitamente à experiência de Gad Beck: “a leitura é o local onde o testemunho de Seel se faz vida. Ele lutou pela vida e para que ela fosse mais do que mera sobrevivência. O testemunho desempenhou um papel fundamental nessa virada. Já, ao leitor, cabe a ele participar da cena do testemunho.” (SELIGMANN-SILVA, 2012, p. 17. No documentário em questão, diferentemente do registro escrito, temos outros gestos, quais sejam a participação dos diretores na cena do testemunho e, claro, a participação dos possíveis espectadores. Esses movimentos trouxeram vivacidade ao entrevistado, marcando uma espécie de passagem entre mundos (do interdito para o enunciado), algo que se dá, claro, mediante a inscrição de efeitos de sentido. As duas passagens destacadas deixam evidenciado tais efeitos.

Entretanto, há, ainda, outro efeito de sentido significativo, resultado direto dos traumas experienciados. Estamos falando das emoções. As duas passagens anteriores estão dispostas no início do filme, e elas, de antemão, demonstram a riqueza da experiência retratada. Após esses recortes, Gad Beck descreve a sua infância, afetada diretamente pela emergência do regime nazista, com a separação das crianças nas escolas de Berlim, seguida da expulsão dos judeus. Em seguida, nosso personagem começa a rememorar o início de sua vida adulta, quando ele conhece o grande amor de sua vida – Manfred Lewin. A descrição desse encontro e do significado que ele teve em sua vida é feita de forma intensa, configurando-se em um dos ápices da inscrição das emoções no documentário.

(T3) Nós apenas pertencemos um ao outro. Eu não chamaria de relacionamento homossexual. Era apenas um relacionamento totalmente humano, sensual, sexual.

21 No original legendado em inglês: “I Have turned really old now, because of a stroke, i’m losing words, expressions, that i look for and can’t find. All that accounted for my former brilliance is suddenly going down. That’s old age, plain and simple. You saved me. You brought my sugar down from 233 to 116. That’s wonderful. Come more often boys, and film with me”.

Não era nada além de amor, amor. Era o sentimento mais profundo que eu já tive²².
(Tradução nossa).

A história entre Gad e Manfred parece funcionar como um fio condutor do documentário, muito embora tenhamos passagens que relatam a bravura de Gad em lutar contra o sistema de violência nazista. É preciso ter em mente que não estamos diante de um testemunho de um judeu, mas, sim, de um testemunho de um judeu homossexual, algo que opera uma radical modificação na estrutura tempo, pessoa e espaço. Quem testemunha fala de um lugar marcado pela interdição, com as condições de emergência sendo inscritas em um tempo acentuadamente distante do vivido, e em um espaço atravessado por esse longo hiato. Em seguida a esse intenso proferimento, uma imagem de Manfred é mostrada e os entrevistadores revelam à Gad Beck que a sua vida agora também existe no formato *online*, já que no site do Memorial do Holocausto de Washington, há uma exposição sobre sua jornada, ressaltando a relação amorosa com Manfred.

Nesse ponto, há uma forte reflexão a partir dos artefatos de memória, pensando na memória não apenas como algo instaurado na interioridade do sujeito que rememora, mas, igualmente, espalhada em ambientes externos (PAVEAU, 2013), como, por exemplo, uma poesia, uma música, um monumento (ou um antimonumento), um museu, um documentário etc. Trazendo o foco para o último elemento da relação, caro para o nosso gesto de análise, é válido salientar que, além de uma inerente retoricidade (com todas as vozes sendo dispostas no intuito de defender pontos de vista determinados), há uma forte reflexividade a respeito do poder da narrativa (algo salientado anteriormente) e da representação. Em *The Story of Gad Beck*, há um amalgama entre a enunciação e o enunciado, com esse dispositivo gerando um efeito de sentido de presentificação do passado e, claro, de um olhar reflexivo sobre esse passado. O momento-chave se dá na encenação (uma forte inscrição do componente ficcional) da cena de separação de Gad e Manfred, quando este se recusa a fugir, por não querer se separar de sua família. Há, nessa cena do documentário, uma dobra no gesto testemunhal, pois, ao mesmo tempo em que Gad Beck rememora esse traumático acontecimento, ele dirige a passagem que será encenada pelos dois atores.

(T4) Foi o momento mais difícil da minha juventude. Então eu escrevi mais tarde, e disse de novo e de novo. Eu o perdi. Tão calmamente e nada pode ser feito sobre isso. Eu prefiro... Como posso dizer a ele? Você o perdeu! Em sua cena você está apenas

22 No original legendado em inglês: “We just belong together. I wouldn’t call it a homosexual relationship. It was just a utterly human relationship, sensual, sexual. It was nothing but love, love. It was the deepest feeling i ever had”.

dizendo adeus. Você o perdeu para sempre. Você tem que agarrar as pessoas no filme ou onde quer que elas estejam: você tem que agarrá-las, entendeu?²³ (Tradução nossa).

Nessa cena, conforme apontamos anteriormente, Gad Beck realiza a atividade de direção. É ele quem mostra aos atores da encenação, qual seria o verdadeiro sentimento e o estado de espírito resultantes da iminente perda. A cena se repete e dessa vez, Gad Beck está ao lado, testemunhando, aquilo que se configurou como seu testemunho, em uma espécie de *mise-en-abîme* testemunhal. A expressão de Beck é de angústia, já que aquele episódio vivido é presentificado pela encenação. Notemos como há um embaralhamento das pessoas do discurso. Parece que o Gad Beck do presente da enunciação fílmica “sacode” o Gad Beck do passado pelos ombros, querendo evidenciar a ele o tamanho gigantesco de sua perda e o quão fortemente ela iria afetar o restante de sua vida.

A inscrição do trauma é algo, e isso foi apontado no primeiro tópico do nosso artigo, marcante no gesto testemunhal, pensando, claro, em uma chave freudiana (SELIGMANN-SILVA, 2022). O que temos enquanto materialidade é, justamente, os travamentos, as expressões emocionais, as repetições, os esquecimentos, mas, igualmente, temos um movimento profícuo de discursivização da libertação, uma vez que o testemunho marca fortemente a construção de uma ponte simbólica que conecta dois mundos.

(T5) Apenas o meu próprio livro **tardio** me deu a **liberdade** de contar minha história. Eu mesmo pude decidir o que sentia na época. [...] Toda a minha vida, eu sempre desejei estar perto dos outros. Contando essa história, eu olho nos olhos das pessoas e estou **quase** feliz. Eu tenho o que eu preciso. Eu quero senti-los por perto. Eu não quero sentir como no dia em que eu estava sendo separado de Manfred. Não quero ficar sem as pessoas e sem o homem que eu amava. Eu estou lutando contra a minha **solidão interior** que de novo e de novo se arrasta até mim ²⁴. (Tradução e grifos nossos).

Observemos como o fragmento anterior parece funcionar como uma espécie de síntese de tudo aquilo que buscamos desenvolver nessas páginas. Destacamos, no início do tópico, a passagem na qual nosso personagem fala sobre o efeito positivo da rememoração impulsionada pelos diretores de *The Story of Gad Beck*. Nesta última passagem, ele destaca a importância do livro escrito em parceria com Frank Heibert. Isso evidencia o poder da narrativa e da escuta.

23 No original legendado em inglês: “It was the hardest moment of my youth. So i wrote later, and said it again and again. I lost him. So quietly and nothing can be done about it. I’d rather... How can i told him? You lost him! In your scene you are just saying good-bye. You lost him forever. You have to grip people in the movie or wherever they are: you have to grip them, do you understand?”.

24 No original legendado em inglês: “Only my own **later** book gave me the **freedom** to tell my story. I myself could decide what i felt at the time. [...] All my life i have always yearned to be close to others. Telling such a story, i look into people’s eyes and i am **almost** happy. I get what i need. I want to feel them close. I don’t want to feel as on the day of that story When i was parting from Manfred. I don’t want to be without the people and without the man that i loved. I am fighting against my inner **loneliness** which again and again creeps right up to me.”.

No entanto, e os trechos destacados deixam claro, a felicidade ainda é um devir que encontra obstáculo na solidão interior, mostrando como o trauma insiste em perdurar, mesmo em um cenário de mobilização da fala.

É pertinente destacar, algo que vem sido defendido por nós em diversos trabalhos, como o testemunho dos homossexuais deportados é atravessado por dois obstáculos: o primeiro é o trauma da vivência da barbárie, ao passo que o segundo é o trauma da denegação discursiva, isto é, da interdição das condições de possibilidades da rememoração testemunhal. Gad Beck deixa isso claro ao identificar, em sua fala, seu livro como *tardio*. Portanto, acreditamos que, mesmo distantes quase vinte anos do lançamento do documentário, essas histórias ainda precisam ser desveladas, para tentar, de alguma forma, dirimir o efeito nefasto da inscrição do segundo obstáculo, que impede o sujeito de sair do “sítio da outridade” (SELIGMANN-SILVA, 2022).

Conclusão

Em nosso percurso, procuramos lançar luzes para uma realidade ainda pouco conhecida. Quando se pensa na deportação para os campos de concentração, o que sempre fica evidenciado (e isso se justifica, em parte, pela extensão do número de mortos) é o destino trágico dos judeus europeus. Não se trata de criar algum tipo de rivalidade entre vítimas do holocausto, muito embora, nos anos 1970, a história dos homossexuais, durante o período nazista, tenha extremamente mal recepcionada pelas associações das vítimas do holocausto. O pesquisador francês Arnaud Boulligny retorna ao ano de 1975 para mostrar como havia uma espécie de hierarquização das vítimas, com os homossexuais ocupando um lugar ainda indesejável nessa história.

O autor traz à tona o gesto do grupo GLH (*Groupe de libération homosexuelle*), que, durante a *Journée nationale du souvenir de la déportation*, resolve colocar um feixe rosa em forma de triângulo no *Memorial des martyrs de la déportation*, localizado na Île de la Cité, em Paris. A consequência disso foi um acirrado embate, iniciado pelos responsáveis pela solenidade, já que “ao chegar ao local, o pequeno grupo de militantes foi reprimido de forma agressiva, com o feixe inicialmente apreendido e depois destruído²⁵.” (BOULLIGNY, 2018, p. 14. Tradução nossa). Isso demonstra como a memória da deportação homossexual foi construída a contrapelo, em um gesto claro de resistência. Entretanto, mais de quarenta anos

25 No original: “À peine arrivé sur place, le petit group de militants est refoulé sans ménagement, la gerbe confisquée puis détruite”.

após esse acontecimento, ainda há muito a fazer em prol dessa memória, uma vez que, segundo Boulligny (2018), “o interesse dos pesquisadores pela repressão direcionada aos homossexuais durante a Segunda Guerra Mundial é relativamente recente na França²⁶.” (BOULLIGNY, 2018, p. 13. Tradução nossa).

É nesse contexto que buscamos posicionar o nosso trabalho, colocando em evidência o registro testemunhal realizado por Gad Beck, por intermédio das lentes cinematográficas operadas por Robin Cackett e Carsten Does. Acaba sendo um alento saber que existem outras possibilidades para analisar o testemunho de Gad, seja no próprio documentário, seja em seu livro de memórias. E acreditamos que seja imperativo fazê-lo, mesmo que essa *cronotopia da intimidade* esteja situada em um momento passado. O fato é que a recepção atualiza a narrativa, criando aquilo que Arfuch (2010) entende como a inscrição de um *terceiro tempo* no espaço biográfico entre o tempo da enunciação (rememorado – “Eu, aqui e agora” e o tempo do acontecimento (vivenciado – “Eu estava lá”). Esse terceiro tempo realiza, segundo Leonor Arfuch, um trabalho de articulação, o que coaduna, por exemplo, com as noções de transmissão e herança defendidas por Thamy Ayouch, que são deveras importantes no registro de um acontecimento silenciado durante décadas.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARFUCH, L. Cronotopías de la intimidad. In: ARFUCH, L. (org.). *Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertinências*. Buenos Aires: Paidós, 2021. P. 236-290.
- AYOUCHE, T. La déportation pour motif d’homosexualité: du déni de la mémoire à la perlaboration de l’histoire. In: *Revue Française de Phénoménologie et de Psychologie Analytique*, L’Harmattan, 2015, La déportation en héritage, 2015. P. 89-116.
- BECK, G. *An underground life: The Memoirs of a Gay Jew in Nazi Berlin*. Written with Frank Heibert. Trad. Allison Brown. Wisconsin: The Library of Wisconsin Press, 1999.
- BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 114-119.
- BITOUX, J-L. *Les oubliés de la Mémoire*. Paris: Hachette Littératures, 2002.

26 No original: “L’intérêt des chercheurs pour la répression menée à l’encontre des homosexuels durant la Seconde Guerre mondiale est relativement récent en France”.

BOULLIGNY, A. (org.). *Les homosexuel.le.s en France: du bûcher aux camps de la mort*. Paris: Éditions Tirésias-Michel Reynaud, 2018.

KILBORNE, Y. *L'analyse du film documentaire*. Malakoff: Armand Colin, 2022.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Trad. Mônica Saddy Martins. 5ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

PAVEAU, M-A. *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Trad. Greciely Costa e Débora Massmann. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PLANTIN, C. *Las buenas razones de las emociones*. Trad. Emilia Guelfi. Moreno, Argentina: Universidad Nacional de Moreno, 2014.

SCHLAGDENHAUFFEN, R; GAC, J-L; VIRGILI, F. (orgs.). *Homosexuel.le.s en Europe pendant la Seconde Guerre Mondiale*. Paris: Nouvelle Monde Éditions, 2017.

SELIGMANN-SILVA, M. Prefácio. In: SEEL, P. *Eu, Pierre Seel, deportado homossexual*. Trad. Tiago Elídio. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012.

SELIGMANN-SILVA, M. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

TAMAGNE, F. *Histoire de l'homosexualité en Europe: Berlin, Londres, Paris 1919-1939*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

The Story of Gad Beck, de Robin Cackett e Carsten Does. Berlin: Never Lose Faith Production, 2006, cor, 99 min.

GAD BECK'S INTENSE LIFE: FROM INTERDICTION TO LIBERATING SPEECH.

ABSTRACT: This article aims to analyze the testimonial remembrance mobilized by Gad Beck, a homosexual born in Berlin in 1925, who survived the barbarism and intolerance triggered by the Nazi regime. His trajectory is discussed in the documentary *The Story of Gad Beck*, adopted as a corpus for this work. The central objective of our reading gesture is to shed light on a reality still little known, which is the condition of homosexuals as victims of the National Socialist regime and therefore as victims of the Second World War. There is a great gap between the experience and remembrance of the pain faced by homosexuals, due to an intolerance that insisted on lasting, even after the victory of the allies in 1945. The result is discursive interdiction and denial. To develop the analysis, we focus on concepts related to the theory of testimony (SELIGMANN-SILVA, 2022), aligned with discussions on the conditions of production for the testimonial remembrance of homosexuals, in research developed by Tamagne (2000), Le Bitoux (2002) and Schlagdenhauffen (2017).

KEYWORDS: Testimony, Homosexuality, Nazism, Interdiction, Liberation.